A teoria das almas na metafísica irônica de Machado de Assis

Elton Moreira Quadros*

Resumo

A questão da alma presente no conto *O Espelho - esboço de uma nova teoria da alma humana* (1882) de Machado de Assis é o foco deste artigo. Além disso, discute a relação entre ironia e metafísica na exposição machadiana de idéias filosóficas realizando um breve paralelo entre o escritor brasileiro e os filósofos Sócrates, Aristóteles e Heidegger.

Palavras-chave: alma, metafísica, ironia, espelho, relação.

Abstract

This paper aims to present the question of the soul in Machado de Assis's short story *The Mirror - sketch a new theory of the human soul* (1882). In addition, the essay discusses the relationship between metaphysics and irony on display in Machado's philosophical ideas by drawing a brief parallel between the Brazilian writer and philosophers such as Socrates, Aristotle and Heidegger.

Key words: soul, metaphysics, irony, mirror, relationship.

* **ELTON MOREIRA QUADROS** é Professor de Filosofia na Faculdade Juvêncio Terra e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Introdução

O objeto de estudo deste artigo centra-se entre a Filosofia e a Literatura. Objetiva-se, assim, refletir – a partir do texto Machadiano, *O Espelho*, a temática filosófica da Teoria da Alma. Da mesma, procura-se apresentar a relação dialógica estabelecida entre o escritor e a filosofia.

Desde o seu aparecimento como escritor, Machado de Assis dispensou uma especial atenção às questões filosóficas em sua obra. Em vários trechos dialoga com filósofos como Pascal, Schopenhauer, Aristóteles e com o ceticismo, chegando até a desenvolver teorias filosóficas como o Humanitismo, por meio da personagem de Quincas Borba; entre outras teorias apresenta a do medalhão, a do benefício, a metafísica do chapéu etc.

Ao refletir sobre o tema da alma, escolhemos tratar a partir do conto "O Espelho", em que a duplicidade da existência humana é apresentada através de uma fina "metafísica" irônica.

A metafísica irônica

Quando falamos do "filosofar" de Machado de Assis, não podemos perder de vista o caráter irônico de seus textos e de sua relação com a filosofia. Apesar de estar sempre envolvido com questões filosóficas, Machado muitas vezes "usa o termo em tom jocoso, como, por exemplo, ao referir-se ao 'grunhir dos porcos, espécie de troça concentrada e filosófica', ou, a 'um asno de Sancho, deveras filósofo', ou quando nos mostra Quincas Borba a trincar uma asa de frango 'com filosófica serenidade'" (REALE, 1982, 3)

A ironia entra na filosofia por meio de Sócrates e como momento do método maiêutico. O filósofo grego, morador da pernóstica Atenas do século V a. C, pretende demonstrar com esse estratagema[1] a ignorância dos "sábios" de seu tempo.

Machado de Assis opta por demonstrar, com as suas personagens, o grau de desatenção do homem com a vida ou mesmo o véu de dissimulações e hipocrisias disseminadas na sociedade de seu tempo e, em alguma medida, de todos os tempos, como algo inerente à existência humana. Nesse sentido, Brás Cubas, por exemplo, na descrição de seu Delírio, narra, tal como um curioso espetáculo, uma visão geral da história humana em que há um desfilar dos séculos, das raças, das paixões, dos impérios, das guerras, dos ódios e da

[1] Sobre esse estratagema narra Reale e Antiseri (1990, 98-99): "o momento em que Sócrates levava o interlocutor a reconhecer a sua própria ignorância. Primeiro ele forçava uma definição do assunto sobre o qual se centrava a investigação; depois, escavava de vários modos a definição fornecida, explicitava e destacava as carências e contradições que implicava; então exortava o interlocutor a tentar uma nova definição, criticando-a e refutando-a com o mesmo procedimento; e assim continuava procedendo, até o momento em que o interlocutor se declarava ignorante".

completa destruição dos seres e das coisas

> (...) eu via tudo o que passava diante de mim,- flagelos e delícias, – desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. (ASSIS, 2007, cap. VII, 28-29)

A jocosidade das caracterizações machadianas revela tal sinceridade cruel com o gênero humano que por vezes é identificado com pessimismo exacerbado, um ser em que a sua história consiste num conjunto das misérias cujo fim está na própria destruição desse humano, ao fim e ao cabo, nada mais que um farrapo.

Na literatura, a ironia também é um conceito controverso (MOISÉS, 1997). Além das possibilidades textuais da ironia filosófica, o autor ganha em sofisticação estética. A ironia equilibra-se entre dois discursos: um explícito e outro sugerido, levando o leitor a um breve sorriso ou mesmo a uma gargalhada escancarada. No caso de Machado de Assis, o alvo de seu fazer irônico está sempre relacionado com as mazelas humanas. Poderíamos afirmar que a ironia machadiana, de tão característica nos textos do autor, é quase um gênero literário. De fato, basta lembrar que, comentando sobre *As Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Miguel Reale (1982, 12) afirma: "A ironia machadiana, (...) nasce dessa 'valoração da vida' (note-se que não digo: valorização da vida) segundo o ponto de vista de um 'observador imparcial', que se põe 'além da vida', falando como 'póstumo', embora não creia seja a alma 'imortal'...".

Se a ironia é marca do estilo do escritor, uma vez que ele está "inclinado a ver as coisas do mundo com todas as gamas da *ironia*" (REALE, 1982, 11), ainda é necessário pensar o sentido da metafísica machadiana. Por isso, devemos nos deter mais cautelosamente em alguns termos e, assim, precisar a metafísica irônica de Machado de Assis.

A definição clássica de Metafísica dada por Aristóteles (2001) compreende quatro pontos:

1. Ciência das causas primeiras ou supremas
2. Ciência do ser enquanto ser
3. Ciência da substância
4. Ciência de Deus e da substância supra-sensível

A ontologia heideggeriana recoloca, no século XX, a questão da "pergunta pelo ser", como a grande questão esquecida pela metafísica ocidental, que se perdeu no ente: "Chamamos de ente muitas coisas, em sentidos diferentes. ente é tudo aquilo de que falamos, aquilo a que, de um modo ou de outro, nos referimos; ente é também o que e como nós mesmos somos" (HEIDEGGER, 1999, 32). Esse esquecimento do ser é gerador de desoladoras conseqüências, entre elas, o niilismo.

Portanto, Heidegger proporá uma volta à questão do ser, realizada pelo ente particular (dasein), que é "caracterizado não só pelo fato de propor a pergunta sobre o ser, mas também pelo fato de que, assim fazendo, põe a si mesmo em questão e torna-se problemático no ato de problematizar o ser" (Molinaro, 2004, 53).

Essa definição de Aniceto Molinaro é particularmente importante, uma vez que a compreensão de Machado de Assis sobre uma metafísica está aquém da pergunta pelo ser, mas está fundamentada na problematização do homem para si mesmo. Afinal, "[s]e o homem é simples bolha no 'enxurro da vida', e se esta é destituída do senso e de sentido, segundo o jogo do acaso e do imprevisto, duas vias se abrem à pobre criatura humana: a da sociedade, e a do seu próprio nariz" (REALE, 1982, 18). Isto é, o homem flutua entre a opinião pública e o ensimesmar-se.

Ao desenvolver a teoria das duas almas no conto *O Espelho – esbôço de uma nova teoria da alma humana* de 1882, Machado de Assis coloca a pergunta pelo homem; no entanto, não como uma pergunta antropológica, mas como uma questão metafísica. Porém que tipo de metafísica? Uma metafísica sem transcendência, ou, em outras palavras, uma metafísica em que a vida humana em sua totalidade é o grande "transcendente"?

A preocupação pelo sentido da vida humana e do mundo é entendida por Machado de Assis como um drama em que o autor é uma espécie de "observador imparcial", tão imparcial que um dos seus mais famosos protagonistas não é "um autor defunto, mas um defunto autor" (ASSIS, 2007, cap. I, 14). Esse distanciamento percebido na escolha do ponto de observação dos seus narradores não faz de Machado de Assis um desesperado, mas, no máximo, um "pessimista sem angústia", como argumenta Miguel Reale (1982, 15):

> Se há algo de real e constante em Machado de Assis é a existência como realidade palpável e experiencial, contraditória em si e por si, com as suas desconcertantes encruzilhadas; com as surpresas das coincidências causais e dos antagonismos inadvertidamente procurados; com o fogo cruzado do que tem e do que não tem sentido, ou seja, a vida destinada ao desfecho inexorável da morte, a vida que já é, em si mesma, uma forma de morrer, um 'ir morrendo'...

A partir dessa visão existencial de Machado de Assis sobre o homem presente em seu conto "O Espelho" que desenvolveremos a segunda parte deste artigo.

A teoria das almas no conto *O Espelho*

Nesse conto, Machado de Assis apresenta uma discussão sobre temas metafísicos. Os personagens estão reunidos numa casa no morro de Santa Teresa e, entre os presentes, estava um conhecido senhor acostumado a abster-se de emitir a sua opinião, se é que possuía alguma, em debates realizados anteriormente nesse mesmo local com esses mesmos participantes. Chamava-se Jacobina e naquela noite foi desafiado e, surpreendentemente, fez uso da palavra por um longo tempo.

A questão metafísica fundamental em pauta era a natureza da alma e, em meio a tantas dificuldades intelectuais trazidas por essa discussão, ofereceu-se o nosso personagem para contar uma história esclarecedora e ilustrativa sobre o que vem a ser a alma, inclusive, começa o nosso orador, com uma afirmação desafiante: "Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas". E segue dizendo:

> Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... (...). A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens,

> um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. (ASSIS, 1962, 346)

Depois da surpresa geral, gerada em conseqüência dessa estranha teoria, Jacobina continua e narra como se tornou um alferes e como isso causou um reboliço em sua pobre família levando sua tia Marcolina a convidá-lo para passar alguns dias em seu sítio e que "levasse a farda" de alferes. Mal chegou lá, a tia escreveu "a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês" e eram abraços e mais abraços e o tempo todo chamava o sobrinho de alferes e "sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o 'senhor alferes'" (1962, 347). E, além disso, havia todas as regalias, até que "o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples" (1962,347). Era um espelho velho, mas, ainda guardava sinais de ter sido uma obra grandiosa no passado, com detalhes em ouro, detalhes esculpidos, enfeites de madrepérola etc.

O espelho e todos os carinhos, atenções, obséquios causaram no jovem alferes Jacobina uma transformação:

> O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado (1962, 348).

Apesar da dificuldade de entendimento dos ouvintes, Jacobina realiza uma pequena digressão sobre a questão das demonstrações filosóficas "Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando" (1962, 348). Essa visão caracteriza a compreensão irônica do valor dado por Machado de Assis às tentativas especulativas, por isso, os fatos são os grandes condutores da explicação de Jacobina que continua muito sagazmente, descrevendo, através dos fatos, a anulação progressiva da consciência do homem que dá lugar à percepção de si como exclusivamente alferes.

Porém, a tia Marcolina recebe a notícia de que uma de suas filhas estava gravemente doente, à beira da morte, com isso, ela parte em socorro da filha e deixa Jacobina tomando conta do sítio, deixando-o só na casa com a companhia de alguns escravos. Isso causou uma sensação de opressão, quase de cárcere no jovem alferes "Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora

a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil" (1962, 348).

Abandonado pela tia, no dia seguinte o jovem alferes vê-se abandonado também pelos escravos do sítio que aproveitam a situação e fogem todos. Nesse momento, o personagem machadiano encontra-se totalmente sozinho. Apesar da solidão de "proporções enormes", Jacobina desejava, naqueles dias, sentir "o medo vulgarmente entendido", mas nem isso. Somente o tic-tac do relógio fazia companhia ao seu desespero. Sonhos orgulhosos, recitações eruditas, ginásticas, beliscões nas pernas... nada aplacava o silêncio infinito interrompido somente pelo tic-tac, tic-tac.

Desde que ficou só, completamente, após a fuga dos escravos, o alferes não havia olhado uma vez sequer para o espelho. Não havia explicação para isso, foi um impulso inconsciente "um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo". Ao fim de oito dias, demonstrando a contradição da natureza humana, deu-lhe na "veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois". Olhou e foi tomando por um espanto, uma vez que o vidro do espelho não lhe "estampou a figura", só uma vaga e difusa sombra. Com essa negação das leis físicas, uma vez que o espelho deveria reproduzir textualmente os contornos e feições do alferes, esse foi tomado de medo e, atribuindo a uma possível crise nervosa o acontecimento, decidiu ir embora

> Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, (...) - Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e...não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho (1962, 351).

Foi como sair da letargia, a sua figura agora estava toda refletida "Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo" (1962, 351). A partir daí, os dias transcorreram com tranqüilidade, pois, agora a certa hora do dia, Jacobina vestia a farda de alferes e sentava-se "diante do espelho, lendo olhando, meditando" e ao final de seis dias, fora como se não tivesse vivido aqueles dias de solidão.

Após essas considerações que deixaram atordoados os seus ouvintes, Jacobina desaparece sorrateiramente.

Conclusão

Ao ler esta história, escrita por Machado de Assis, sobre a alma humana, torna-se inevitável lembrar o parágrafo 25 de *Ser e Tempo*, em que Heidegger (1999, 167) diz: "O esclarecimento do ser-no-mundo mostrou que, de início, um mero sujeito não 'é' e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também, de início, não é dado um eu isolado sem os outros".

Apesar de estar no mesmo campo de reflexão de Heidegger, Machado de Assis em nenhum momento pretende, mesmo que "indiretamente", fazer a pergunta pelo ser, por Deus, pela

substância, pelas causas primeiras, ou mesmo, de algo que transcenda a realidade da vida humana.

Machado de Assis propõe uma discussão eminentemente metafísica, ou seja, a questão da alma, no entanto, com tal profundidade irônica que torna essa questão algo destituído de metafísica.

Nesse sentido, podemos perceber que, em alguma medida, Machado apresenta uma teoria da alma em que a relação eu-mundo ganha um destaque fundamental e que pode demonstrar uma crítica machadiana à probabilidade de um conhecimento efetivamente metafísico, mas, por outro lado, poderíamos pensar que, no campo do humano, a despeito da pretensão moderna, apenas um conhecimento relacional e irônico seria possível. Com isso, Machado nos apresenta uma possibilidade de compreender a "verdade" da alma através de uma metafísica irônica.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 3 vols. Introdução, tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo, Loyola, 2001.

ASSIS, Machado. **O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana**. In. Machado de Assis - obras completas vol. II, Rio de Janeiro: Editora José Aguillar Ltda, 1962.

_____. **Quincas Borba**. São Paulo: Metalibri, 2008.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Metalibri, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (Parte I). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Ser e Tempo** (Parte II). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**.São Paulo: Cultrix, 1997.

MOLINARO, Aniceto. **Metafísica: curso sistemático**. São Paulo: Paulus, 2002.

REALE, Giovanni: ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade** e **Idade Média**. São Paulo: Paulinas, 1990.

REALE, Miguel. **A filosofia de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis**. São Paulo, Pioneira: 1982.

Bibliografia consultada

BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis**. São Paulo: Edusp, 2007

COUTINHO, Afrânio. **A Filosofia de Machado de Assis e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Editora São José, 1959.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Cobra de Vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MAYA, Alcides. **Machado de Assis – algumas notas sobre o humor**. São Paulo: Movimento, 2007.